

NOTA

A MENINA QUE ILUSTRAR ESTE ARTIGO É UM MODELO, E NÃO TEM DE FORMA NENHUMA RELAÇÃO COM AS HISTÓRIAS REFERIDAS NESTE TEXTO. PRETENDE-SE ILUSTRAR COMO COM MAQUILHAGEM E ADERÇOS SE 'TRANSFORMA' UMA CRIANÇA EM ADOLESCENTE



CAMA
SEXUALIDADE

Meninas que já são mulheres

Ainda são crianças, mas já têm uma vida sexual ativa. Retrato de uma franja crescente de jovens que se inicia entre os 11 e os 14 anos

REPORTAGEM DE **KATYA DELIMBEUF**

FOTOGRAFIAS DE **ANA BAIÃO**

Sair à noite nos dias que correm pode ser uma experiência imprópria para cardíacos. Especialmente, se se for pai. Se passar na zona de Santos (Lisboa) depois de jantar, numa sexta-feira ou sábado, pode ver centenas de jovens — de 12, 13, 14 anos — em convívio noturno. Nada de extraordinário, não fossem pormenores como as indumentárias femininas, que ‘transformam’ meninas de 12 anos em mulheres de 18 — levando muitos ao engano. Maquilhagem, saltos altíssimos, microsaías e decotes tornaram-se uniforme generalizado numa faixa etária com muita pressa em crescer.

Muitas não saem assim de casa dos pais. Na casa das amigas ou nas casas de banho dos restaurantes, maquilham-se e trocam de roupa. Entram meninas, saem mulheres. E passadas umas horas, várias rodadas de *shots* mais tarde, a escalada continua, por vezes até à consumação de um ato sexual. É um facto: o sexo está a entrar cada vez mais cedo na vida dos adolescentes.

Os mais céticos dirão: sempre houve disso. Mas a questão-chave é: com esta idade? A partir de quando devemos começar a ter conversas sobre temas como a iniciação sexual? Aos 10 anos? Os entendidos respondem: sempre. Os estudos mostram que a sexualidade começa cada vez mais cedo, apesar de ainda ser um fenómeno minoritário na população adolescente entre os 13 e os 15 anos. Segundo dados da ‘Aventura Social’ de 2010, que estuda os comportamentos de saúde das crianças em idade escolar, coordenado pela professora Margarida Gaspar de Matos, da Faculdade de Motricidade Humana, a média de idade da iniciação sexual situa-se nos 14 anos. Da amostra analisada — 5050 alunos, do 6.º, 8.º e 10.º anos (dos 11 aos 15 anos) —, 21,8% dos do 8.º e do 10.º afirmam já terem tido relações sexuais.

Irene Carvalho, diretora do Serviço de Urgência Pediátrica do Hospital de São João, no Porto, confirma: “Sim, a idade da iniciação sexual está a baixar. Já oiço muitas mães acharem perfeitamente normal as suas filhas de 12 e 13 anos terem vida sexual.” A pediatra não pode, contudo, concordar com o facto: “Imaturidade, falta de informação, pressões externas, maior exposição a doenças e probabilidade de virem a ter problemas psicológicos no futuro, como falta de autoestima”, estão entre as razões.

De janeiro a setembro de 2011, chegaram à sua urgência seis casos de abuso sexual (onde se incluí a violação), cinco suspeitas de gravidez e duas intoxicações alcoólicas (vulgo coma alcoólico) entre adolescentes

dos 10 aos 14 anos. “Nestas idades”, enfatiza.

As histórias, relatadas pelos próprios adolescentes, deixam qualquer adulto assustado. Conta Sara, 14 anos, estudante do 9.º ano, de Lisboa. “Do meu grupo de amigas, algumas já se iniciaram sexualmente, com 13 ou 14 anos. Com os namorados. Cada vez isso é mais comum à minha volta.” Narra a história de uma amiga da linha de Cascais, com quem entretanto já não se dá: “A mãe dessa amiga, que tem 14 anos, viajou para a Indonésia e deixou-a com a avó. Uma noite, depois desta se ir deitar, foi buscar as chaves de casa da mãe e foi lá dormir, com uma amiga. Chamaram o namorado de uma delas e este levou um amigo. Berberam. Muito. Whisky, coisas pesadas, até perderem a noção. No dia seguinte, ela acordou cheia de nódoas negras. A amiga estava inconsciente (descobriu mais tarde que estava em coma alcoólico). Chamou o INEM. No hospital, fizeram-lhes testes e perceberam que tinham sido violadas. Deram-lhes a pílula do dia seguinte. A mãe foi chamada, veio da Indonésia a correr, pôs a filha de castigo ‘para a vida’. Mas não a vejo muito ‘traumatizada’. Continua a sair à noite”, observa.

Sara reconhece que “a maior parte dos pais não tem ideia do que fazem os filhos. Conheço imensas amigas que dizem que vão dormir a casa de outra amiga, e depois vão mas é para casa de outra cuja mãe não está. E os pais não se telefonam, para tentarem perceber... Há pais muito permissivos — como a mãe da minha vizinha, que não sonha o que ela faz com os rapazes...”

As razões desta sexualidade precoce podem estar associadas a mudanças tangíveis. Como o acesso demasiado fácil à pornografia — *online*, na televisão ou em telemóveis com acesso à internet. “Os meus amigos rapazes veem todos pornografia *online*”, assume Sara. E sim, claro, “ficam com uma ideia diferente do que é o sexo. Mais perversa.” Chamam-lhes a nova Geração XXX. Também ficamos a saber outra coisa: falsificar um BI é hoje quase banal. “Tenho imensos amigos que fazem BI falsos com um *scanner* e vão às *smartshops* do Bairro Alto ou de Cascais, comprar ganza ou outras drogas legais.”

Vazios emocionais. O Aparece, um centro de atendimento a adolescentes de cuidados de saúde primários, na Lapa (Lisboa), recebe anualmente mais de 4000 pedidos de consulta. Cerca de 15% são de jovens dos 11 aos 14 anos, explica Maria de São José Tavares, médica de medicina geral e familiar, 55 anos, à frente do projeto desde 1999. Segundo ela, a maioria tem namoros ainda sem atividade sexual iniciada. “Mas há uma minoria que não. Quanto mais inseguros estiverem os jovens, mais cedo começam a sua relação sexual. Co-

18%

dos adolescentes portugueses

até aos 13 anos afirma já ter tido relações sexuais. Entre os adolescentes do 8.º e 10.º ano (dos 13 aos 15 anos) a percentagem sobre para 21,8%. 14 anos é a idade média da iniciação sexual. (Fonte: Estudo Health Behaviour in School-Aged Children 2010 — “Aventura Social”)

42%

dos jovens europeus afirma já ter tido relações sexuais desprotegidas com novos parceiros. Em Portugal, esta percentagem atinge os 50%. (Fonte: Fundação Parenthood)

TRANSFORMAÇÃO
MUITAS MENINAS
PRÉ-ADOLESCENTES
SAEM DE CASA DOS PAIS
COM UMA ROUPA DIS-
CRETA E TROCAM PARA
ROUPAS MAIS ATREVI-
DAS ANTES DE CHEGA-
REM AOS BARES E DIS-
COTECAS



mo se procurassem preencher um vazio de afetos. Normalmente, os mais precoces lidaram desde cedo com muitos vazios. Também se nota, claro, muita curiosidade em experimentar. E a pressão do grupo. Felizmente, continuamos a ter uma maioria de adolescentes com comportamentos saudáveis. Embora 30% apresentem problemas.”

“A mim preocupa-me muito a banalização da sexualidade”, continua. “No outro dia, perguntei a uma rapariga de 15 anos quantos namorados tinha tido. Ela respondeu: ‘Poucos. Seis.’” Outra variável é a acessibilidade da pornografia. “40% dos miúdos que por aqui passam dizem receber imagens pornográficas sem ir à procura delas. À conta disso, tive aqui uma menina de 11 anos viciada em *sites* pornográficos. Foi a mãe que a trouxe. Apanhou-a uma vez no computador, estava muito tempo sozinha em casa... Os jovens passam demasiado tempo sozinhos. E ficam expostos a conteúdos perigosíssimos.”

“Aos 12 anos, não era o primeiro.” Pedro Anjos, hoje com 25 anos, recorda-se como se

fosse hoje do misto de sentimentos que viveu quando, aos 17, arranjou uma namorada de 12. “Ela era muito madura física e emocionalmente, parecia muito mais velha”, conta. O sexo veio rapidamente: “Um mês depois de começarmos a namorar, já tínhamos ido para a cama.” Os pais dela estavam separados, a mãe era médica e fazia bancos durante a noite, deixando escancarada a janela de oportunidade. “O que realmente me chocou foi que, apesar de ela só ter 12 anos, eu já não era o primeiro.”

Machismo? “Talvez. Não sei explicar... Achei que aquilo era tudo demasiado cedo, mas eu também era um miúdo que estava a descobrir o sexo. É claro que não perdi a oportunidade... Mas ela não se preocupava nada, já estava noutra. Lembro-me que mais tarde até desabafei com a minha mãe. Precisava de referências porque não achava aquilo normal.”

Também para Isabel, os 12 anos marcaram a sua iniciação sexual, com um namorado mais velho, de 15. “Andávamos há um ano e meio. Éramos ambos virgens.” “Foi estranho”, recorda. “Estávamos nervosos. E eu



“A idade da iniciação está a baixar. Já oiço muitas mães acharem normal que as filhas de 12 e 13 anos tenham vida sexual”, diz a diretora da urgência pediátrica do Hospital São João

O que eles e elas dizem

“A minha geração está a fazer tudo mais cedo. Acho isso mau. Porque eu naquela idade também não tinha consciência de uma série de coisas. As raparigas querem cada mais mostrar-se, fazer tudo muito rápido, para serem levadas a sério, para se integrarem no grupo. Fala-se de tudo: sexo anal, sexo oral...”
Mariana, 16 anos (iniciação sexual aos 13 anos)

“Numa curte, decidi ter relações sexuais sem preservativo. Naquele momento, não tínhamos... Depois, começou a surgir o boato de que ele era seropositivo. Entrei em pânico. Fui à MAC fazer os testes, e graças a Deus deu negativo. A minha mãe ficou um bocado chocada. Deu-me na cabeça mas não me bateu.”
“Ana”, 16 anos, aluna da Escola D. Luísa de Gusmão, Lisboa. Iniciou-se aos 14 anos

“O que realmente me chocou foi que, apesar de ela só ter 12 anos, eu já não era o primeiro.”
Pedro Anjos, recordando uma história passada quando ele tinha 17 anos

“Isto (o sexo) está a acontecer cada vez mais cedo. E com muita irresponsabilidade. As raparigas fazem com qualquer rapaz, não usam preservativo, trocam de namorado como quem troca de camisa...”
Isabel, 17 anos. Iniciou-se com 12 anos

“A pornografia era as nossas aulas de educação sexual. Tudo aquilo que víamos era o que absorvíamos como referência. Porque é que não usávamos preservativo? Achamos que somos invencíveis. Temos dinheiro, somos giras e por isso nada de grave nos pode acontecer. Acha que uma adolescente bêbada se lembra de pôr um preservativo? E sob efeito de coca?”
“Inês”, personagem principal do livro “O Fim da Inocência”, atualmente com 19 anos e a viver no Brasil

era um bocado criança. Não tinha bem noção do que estávamos a fazer.” Isabel vive na Pontinha, um bairro na periferia de Lisboa, oriunda de uma família de quatro irmãos, de classe média-baixa. Completou o 9º ano e está agora à procura de emprego. Admite que “para perder a virgindade, não há idade certa. Mas há o rapaz de quem se gosta.” Por isso não se arrepende.

Conta também que no seu grupo de amigos, “a maioria iniciou-se com 12 ou 13 anos. Até tenho um amigo que teve relações com 10, com uma prima. Isto está a acontecer cada vez mais cedo. E com muita irresponsabilidade. As raparigas fazem sexo com qualquer rapaz, não usam preservativo, trocam de namorado como quem troca de camisa...” Atualmente com 17 anos, só teve dois parceiros sexuais desde que se iniciou — mas sabe que é a exceção.

O objetivo deste artigo não é assustar os pais, mas alertá-los para manterem os olhos abertos. Porque quase todos põem a mão no fogo pelos seus filhos e garantem que “nunca se meteriam nesse tipo de coisa.” Só que a realidade pode ser bem diferente.

O pediatra Mário Cordeiro, de 55 anos, partilha que alguns dos seus pacientes “dos 10 aos 14 anos” já se iniciaram sexualmente, “embora não consiga quantificar”. Não considera o facto preocupante, desde que isso seja acompanhado de afetividade. Até porque vem a par de certos sinais biológicos. “Nas últimas décadas, verificou-se uma maior precocidade da puberdade. No início do século XX, na Europa, a primeira menstruação aparecia em média, aos 16 anos. Agora, é aos 12.”

Do mesmo modo, há sinais, como o apare-

cimento da transpiração, que surgem mais cedo. “Não é sinónimo de uma aceleração hormonal”, garante Cordeiro, “muitas vezes são os pais que ficam aflitos porque não estão à espera.” O pediatra defende, no entanto, que “a banalização da sexualidade é um mau serviço que prestamos aos adolescentes e às pessoas em geral. A informação e a aprendizagem têm de vir de diferentes grupos — pais, professores, amigos, comunicação social, saúde. É importante que todos falem a mesma linguagem: a da verdade científica, sem moralismos.”

Banalização do sexo. Mariana iniciou-se com 13. “Foi com o meu primeiro namorado, que era mais velho — tinha 18. Uma noite fomos sair, acabámos na praia e aconteceu... Usámos preservativo, mas tivemos azar — furou. Vi-me forçada a contar à minha mãe. Ela ficou muito chocada e depois disso nunca mais me apoiou.” A mãe confirma: “não estava nada à espera que a minha filha pudesse viver isto tão cedo”. O namoro acabou depois disso. A mãe de Mariana ligou ao namorado e a vergonha sobrepôs-se a tudo o resto. Todos os amigos ficaram a saber da história, na escola... Foi um momento difícil.

Mariana conhece “algumas pessoas que se iniciaram na mesma idade, aos 13, 14 — mais entre os rapazes.” E reconhece que a sua geração “está a fazer tudo mais cedo. Acho isso mau”, confessa. “Porque eu naquela idade também não tinha consciência de uma série de coisas. O sexo está a banalizar-se cada vez mais, há cada vez mais gente a fazê-lo sem que isso tenha significado...”, diz, com a “sabedoria” dos 16 anos. “As raparigas querem mostrar-se,

PRECOCE SÃO OS PRÓPRIOS TEENAGERS QUE AFIRMAM QUE ESTA ACELERAÇÃO É EXCESSIVA: “ISTO ESTÁ A ACONTECER CADA VEZ MAIS CEDO. E COM MUITA IRRESPONSABILIDADE”



Ciberbullying no Facebook

O Facebook veio alterar as regras do jogo. A crescer aos perigos dos *chats*, há agora também novas formas de *bullying*. Trata-se de páginas temporárias (exemplos ao lado) onde se despejam rumores ou acusações, verdadeiras ou falsas, de miúdos que fizeram isto ou aquilo com x ou y. Os nomes são postados, levando a que inúmeras pessoas vejam o que foi escrito. E permanecem online enquanto as páginas não são retiradas pelo administrador, quando se apercebe dos conteúdos sexuais explícitos. No estudo de 2010 da HBSC (Health Behaviour in School-Aged Children), 16% dos jovens do 6.º ao 10.º ano afirmava já ter sido vítima ou provocador de *ciberbullying*.

RECENT ACTIVITY

Mexericos is now friends with [redacted] and 10 other people.

Mexericos Escandalosos
[redacted] do liceu frances anda a sacar bicos no alive
10 May at 20:17 · Like · Comment
10 people like this.
View all 13 comments

Mexericos Escandalosos
[redacted] (do sagrado) comeu um gajo que tinha namorada e ha indícios que comeu outros dois na mesma noite! e como se não chegasse também sacou um bico a outro no 3 piso do colégio! beam friend! xoxo ♥
09 May at 21:14 · Like · Comment
[redacted] likes this.
View all 27 comments

Mexericos Escandalosos
[redacted] (liceu frances), esta sexta tava toda bebida e comeu o [redacted]
09 May at 20:58 · Like · Comment

Mexericos Escandalosos
Ouvimos dizer que [redacted] graça sacou um bico ac [redacted]
06 May at 21:06 · Like · Comment
View all 18 comments
[redacted] Deixa lá [redacted] tu sabes o que fazes e não fazes, os outros não interessam, ♥
08 May at 20:23 · Like
[redacted] RISADA. voces sao ridiculos, têm noção disso?
13 May at 17:09 · Like · 2 people
Write a comment...

Mexericos Escandalosos
[redacted] já não é virgem...
06 May at 17:24 · Like · Comment
[redacted] likes this.
View all 38 comments

Mexericar Está A Dar
Escandalo 2 [redacted] [redacted] ja teve uma experiencia lesbica! Foi apanhada a comer a [redacted]
3 hours ago · Like · Comment
6 people like this.
Write a comment...

Lisboa Mexericos
O [redacted] encornou a namorada na festa do valsassina e comeu pelo menos 5 gajas nessa noite. oh [redacted] isso nao se faz! xoxo♥
28 April at 22:37 · Like · Comment
23 people like this.
View all 27 comments
[redacted] a gaja é q é estúpida!
11 May at 21:04 · Like · 7 people
[redacted] porco
13 May at 15:46 · Like
Write a comment...

Lisboa Mexericos
uhhhh, [redacted] e [redacted] ♥♥ parabéns ao casalinho! xoxo
28 April at 22:33 · Like · Comment
View all 5 comments

Lisboa Mexericos
Upss... parece que umas das lésbicas do sagrado: [redacted] e [redacted] foram vistas a comerem-se no alive. Meninas, têm de ter calma, é um espaço público. Xoxo ♥
26 April at 14:59 · Like · Comment
21 people like this.

fazer tudo muito rápido, para serem levadas a sério, integrarem-se no grupo. Fala-se de tudo: sexo anal, sexo oral. A droga também está completamente banalizada. Toda a gente já fumou. Conheço miúdas de 13, 14 anos que já fumam.” Com quatro irmãos, oriunda da classe média, Mariana sai à noite em Santos e diz: “Está cada vez pior. Miúdos cada vez mais novos saem e fazem tudo e mais alguma coisa.”

Grupo de risco. Na Unidade de Adolescentes da Maternidade Alfredo da Costa (MAC), em Lisboa, 400 raparigas são seguidas todos os anos. Destas, 120 estão grávidas, situando-se a média de idades nos 16 anos. Fátima Palma dirige esta unidade, em parceria com Maria José Alves. Obstetra e ginecologista, de 48 anos, considera que “a idade não é motivo para não fazer contraceção, uma gravidez indesejada é muito pior.” “Já vi muitas meninas grávidas com 14 anos porque houve quem se tivesse recusado a dar-lhes métodos contraceptivos, por elas serem ‘demasiado jovens’”. Atualmente, “a taxa de gravidez na adolescência mantém-se nos 4,4%, abaixo dos 15 anos.”

Quanto à proteção das doenças sexualmente transmissíveis, Fátima Palma garante que “a maioria usa preservativo a primeira vez, depois deixa de usar. Para eles, fazer contraceção é sinónimo de falta de confiança no parceiro. E a sida é associada a pessoas doentes, não ao namorado ou a gente bonita.” Passadas campanhas e informação, os preconceitos continuam a ser os mesmos.

“Os adolescentes são um grupo de risco — sempre foram. São menos cuidadosos do que os adultos. E as famílias não se podem demitir do seu papel de educar. Têm que fazer a sua educação sexual informal, lidando com a sexualidade de forma natural. Não podem cair na veleidade de achar que nada acontece aos seus filhos, que com eles será diferente.”

Que o diga Ana, aluna do 9º ano da Escola Secundária D. Luísa de Gusmão, em Lisboa. Esta menina da classe média iniciou-se há dois anos, com 14. “Foi com o meu namorado, que era mais velho um ano.” Mas o problema aconteceu no verão passado: “Numa curte, decidi ter relações sexuais sem preservativo. Naquele momento, não tínhamos...”, justifica. “Depois, começou a surgir o boato de que ele era seropositivo. Entrei em pânico. Fui à MAC fazer os testes, e graças a Deus deu negativo. A minha mãe ficou um bocado chocada. Deu-me na cabeça, mas não me bateu”, resume.

Na turma de Ana, “a maioria dos colegas já fez sexo”, garante. Uns 80%. “Sim, hoje iniciamo-nos mais cedo. Não sei porquê.” Tem uma amiga de 16 anos que engravidou e teve o bebé. “O que lhe aconteceu

Cinco regras de ouro para os pais

1. Conversar, conversar, conversar

É muito importante estar disponível para o diálogo e por essa via transmitir valores. Os pais não são os melhores amigos dos filhos, mas é importante que estes saibam que podem sempre contar com eles.

2. Estar atento

E tornar isso bem claro. Se um filho acha que o consegue enganar, é meio caminho andado para tentar... e conseguir.

3. Estar atualizado

Saber o que é e como funciona o Facebook, o que são as *smartshops*, quais são as discotecas que eles frequentam, as novas drogas que andam por aí — e mostrar-lhes os perigos.

4. Impor limites

Toda a gente precisa de balizas. Horas para regressar a casa. Rédea a mais pode dar mau resultado.

5. Conhecer os amigos dos filhos

E comunicar com os pais deles, quando há combinações em casa uns dos outros. Assim eles sabem que há um mínimo de informação partilhada.

foi péssimo — perdeu a adolescência toda.” Perguntamos quantos parceiros sexuais já teve. “Quatro. Em dois anos, é normal.”

O fim da inocência. O retrato de uma sociedade hipersexualizada é também o que mostra a obra de Francisco Salgueiro, “O Fim da Inocência”. Este livro-bomba, publicado em 2010 (vai na 5ª edição, com mais de 15.000 exemplares vendidos), conta a história de Inês, uma menina de boas famílias, que aproveitando a rédea solta que tem em casa — os pais estão quase sempre ausentes, em viagem —, se lança numa escalada dantesca, acelerada e absolutamente desligada dos afetos. Ela e o seu grupo de amigos, de um colégio privado, experimentam tudo o que há para experimentar, de sexo a drogas, orgias, conversas perigosas em *chats* com desconhecidos, páginas do Facebook para marcação de sexo, visionamentos de pornografia em casa de amigos, até nada mais haver para preencher os ‘buracos’ emocionais.

Excertos do livro ajudam a perceber melhor: “Perdi a virgindade aos 14. Era velha quando isso aconteceu. Pelo menos, comparando com as minhas amigas. Desde os 12 que elas gozavam comigo por ainda não ter ido para a cama com um rapaz, tal como já haviam feito. (...) No recreio do colégio, sentia-me completamente fora das conversas. Meninas de farda, com ar virginal, falavam dos tamanhos das p^{*as}, dos sabores do es^{***a}, discutiam a temperatura dos lubrificantes, a ejaculação feminina, a sensação que tinham quando faziam sexo anal e usavam um *spray* à base de ervas que relaxava o rabo, chamado Apronal.”

O conteúdo e a linguagem são de tal modo fortes, que custa a acreditar. O mesmo aconteceu com o autor, garante-nos. Quando Inês abordou Francisco Salgueiro, 39 anos, achou tudo “demasiado louco para ser verdade.” Mas pouco a pouco, as histórias foram ganhando rostos, e percebeu que aquilo era real. Também foi um choque para ele.

Autogestão sexual. O livro não retrata os adolescentes portugueses, mas retrata alguns. “Muitos mais do que eu imaginava”, diz Francisco. “Recebo milhares de *e-mails* de todo o país, do litoral ao interior, de meios mais pobres e menos pobres, e todos descrevem as mesmas histórias. Podem estar a mentir? Podem. Mas é estranho. O que me impressiona mais é a violência da coisa — a linguagem, a pressão para o sexo...”

“Os miúdos são bombardeados com muita coisa. A TV transpira sexo, a música que ouvem, as revistas, a internet... Sexualmente, crescem muito depressa. Mas a cabeça não acompanha. Estão em autogestão sexual.” De-

pois, fenómenos como o Facebook vieram alterar as coisas. “Hoje, os grupos de pressão fazem-se com 2000, 3000 amigos.” Fala desta nova forma de *bullying*: páginas temporárias onde se publicam histórias de teor sexual, verdadeiras ou não, com os nomes das pessoas envolvidas. Estas páginas estão constantemente a ser criadas, antes de serem retiradas pelo administrador, quando se apercebe dos conteúdos sexuais impróprios. “No outro dia, recebi um *e-mail* de uma menina de 15 anos cuja fotografia de Facebook era em tronco nu e de saia levantada! Os pais têm que explicar aos filhos e às filhas que não podem pôr fotos suas nus ou em *lingerie*. Têm de ser habituar à ideia de que a realidade mudou. Eu percebo: que pai é que quer olhar para o filho de 11 anos e pensar que ele já pode ter tido um envolvimento sexual? Nenhum. Mas não vale a pena não olhar para a realidade. A realidade existe”, alerta Francisco.

Inês, a protagonista do livro, tem hoje 19 anos e vive no Brasil, onde tenta construir uma vida nova. Falou ao Expresso por *e-mail*. Saiu de Portugal porque “sentia estar numa espiral sem controlo. Tinha a certeza que se continuasse aí as coisas nunca melhorariam”, confessa. Admite ter tido “demasiados” parceiros sexuais entre os 14 e os 18 anos, não se atrevendo a avançar um número. Hoje, a sua visão da sexualidade já é outra. “Sem afeto, o sexo leva a uma monotonia, um vazio... um nada.”

Conta: “A pornografia era as nossas aulas de educação sexual. Tudo aquilo que víamos era o que absorvíamos como referência. Porque é que não usávamos preservativo? Acha-mos que somos invencíveis. Temos dinheiro, somos giras e por isso nada de grave nos pode acontecer. Acha que uma adolescente bêbeda se lembra de pôr um preservativo? E sob efeito de coca? De qualquer maneira, os riscos não são assim tão divulgados. Na altura em que vivia aí, as campanhas passavam sobretudo na televisão e nos jornais. A minha geração passa mais tempo ao computador e aí não havia muitas campanhas.”

Atualmente, os planos de Inês passam simplesmente por tentar “ser feliz”. Aos pais, aconselha a “conversarem com os filhos e estarem atentos a tudo o que os rodeia.” Aos miúdos, lembra que é fundamental “terem noção de que tudo o que fizerem pode e irá ter consequências. E que todas as experiências são muito giras enquanto conseguimos controlá-las. O problema é que a maior parte das vezes elas fogem do nosso controlo, mas nós continuamos a achar que não...” ■

unica@expresso.imprensa.pt

NOTA: OS NOMES DOS MENORES FORAM ALTERADOS PARA SUA PROTEÇÃO